SERVIÇO SOCIAL EM TEMPOS DE PANDEMIA: reflexões sobre a atuação e a imagem do/a Assistente Social na saúde.

Brena Kécia Sales Guedes[1]

Raniely Costa da Silva[2]

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de refletir sobre a atuação e imagem profissional em tempos de pandemia de Covid – 19. Partindo de nossos pressupostos históricos e profissionais, essa reflexão se dará através de uma revisão bibliográfica, constituindo-se como um trabalho de natureza qualitativa. A relevância desta pesquisa esta contida na importância de observar as novas requisições impostas a nossa profissão para tracejar uma atuação alinhada ao nosso projeto ético político. Diante disso, inferimos que diante das novas requisições impostas pela pandemia no âmbito dos serviços de saúde é necessário consolidar os pressupostos que regem nossa atuação voltada para a emancipação humana e garantidora de direitos.

Palavras-chave: Serviço social. Pandemia. Atuação profissional.

ABSTRACT

This work aims to reflect on the performance and professional image in times of pandemic Covid - 19. Based on our historical and professional assumptions, this reflection is reflected through a literature review, constituting a work of qualitative nature. The example of this research is contained in the importance of observing how new requirements are imposed on our profession to trace a line to our political ethical project. Therefore, we infer that, given the new requirements imposed by the pandemic in the context of health services, it is necessary to consolidate the assumptions that govern our actions aimed at human emancipation and guaranteed rights.

Keywords: Social service. Pandemic. Professional performance

[1] Assistente Social; Mestranda em Serviço Social, Trabalho e Questão Social pela Universidade Estadual do Ceará (UECE); E-mail: <brenaguedes.as@gmail.com>.

[2] Assistente Social; Mestranda em Serviço Social, Trabalho e Questão Social; Universidade Estadual do Ceará (UECE); E-mail: < raniely4@gmail.com>

1 INTRODUÇÃO

As contradições que circundam a vida na sociedade capitalista são diversas e complexas. O Serviço Social enquanto categoria profissional está vinculada às tensões que permeiam o nosso cotidiano, pois é nele que mobilizamos o nosso fazer. Com a eclosão da pandemia suscitada pelo vírus da Covid – 19 a crise já existente no seio da sociedade capitalista aprofundou suas raízes, rasgando o chão e cortando os pés das camadas mais vulneráveis da população.

A saúde e sua gestão nunca esteve tão em evidência, o Sistema Único de Saúde – SUS nunca foi tão essencial para atender às novas demandas que a pandemia trouxe. O Serviço Social se configura como uma das profissões que compõem as equipes multiprofissionais na área da saúde, atuando na ponta dos serviços, atendendo diretamente os usuários e sua família.

Nesse contexto, a profissão tem composto o lugar que tem sido alcunhado como “linha de frente” no enfrentamento da pandemia. Os/as Assistentes Sociais foram chamados a compor essa linha que se faz contraditória em todos os seus aspectos.

Este artigo tem, portanto, o objetivo de refletir sobre a atuação e a imagem do/a Assistente Social em tempos de pandemia. Partimos desse chão histórico e social que a pandemia reorganizou para compreender as novas e velhas requisições e demandas que a profissão tem recebido.

Este estudo é de natureza qualitativa e fez uso da revisão bibliográfica como base metodológica para as reflexões estabelecidas. A relevância dessa pesquisa está em entender como estão se conformando as novas morfologias que a profissão vem sofrendo a partir do contexto da pandemia.

2 TRANSVERSALIDADES ENTRE PASSADO E PRESENTE: A POLÍTICA DE SAÚDE E A ATUAL CRISE SANITÁRIA.

Direitos de todos e dever do Estado, esse é o texto da Lei 8080 (Lei Orgânica da Saúde) que coloca a garantia de um acesso à saúde universal, equitativo e humanizado. Essa lei e as outras que se ramificam no caminho que ruma a garantia de direitos conformam os frutos de um intenso processo de luta pela democracia e acesso a serviços essenciais para a população.

O movimento do real em que estamos inseridos é síntese de múltiplas determinações, esse processo de construção da sociedade capitalista é perpassado por avanços e retrocessos. As políticas que compõem a seguridade social, mais especificamente a política de saúde não foge a esta lógica. Boschetti (2009) no âmbito da política de saúde, os princípios do SUS, como descentralização e participação democrática, universalização e integralidade das ações, estão sendo diluídos pela fragmentação cotidiana oriunda do capitalismo.

Boschetti (2009) aponta ainda que a defesa e ampliação dessas conquistas e o posicionamento contrário às reformas neoliberais regressivas são desafios permanentes. Esses fatores contraditórios coexistem no contexto de prática do/a Assistente Social que, enquanto categoria profissional, se insere no âmago dessas políticas.

O/a Assistente Social atua diretamente no real que compõe as políticas sociais, o setor saúde se caracteriza como o campo que mais demanda da profissão A formulação de leis e a organização de serviços de saúde voltados para o atendimento universal e integral ampliou o mercado de trabalho para o assistente social na referida área, provocando o debate a respeito das contradições emergidas na consolidação desse espaço sócio ocupacional.

O Serviço Social tem no seu projeto ético político a premissa de uma atuação voltada para a defesa intransigente da democracia e a superação da sociedade contraditória e desigual em que estamos inseridos. Nesse sentido, o trabalho do/a Assistente Social na saúde deve ter como eixo central a busca criativa e incessante da incorporação dos conhecimentos e das novas requisições à profissão, articulados

aos princípios dos projetos da reforma sanitária e ético-político do Serviço Social (BRAVO E MATOS, 2004).

Partindo desse chão, vislumbramos que a profissão se faz e se refaz no decurso da história. Somos frutos dos processos societários que vivenciamos e atuamos no cerne desse movimento. Enquanto categoria conjuntural acompanhamos os processos de construção da política de saúde, passando por remodelações que renovam o nosso fazer. Atualmente, esse fato não foge das nossas mãos enquanto categoria, muito pelo contrário, pois atuamos nesse processo contraditório, refazendo a nossa expertise sem perder de vista os pressupostos éticos e políticos profissionais.

2.1. A derrocada que a crise sanitária trouxe a partir da pandemia de Covid – 19 e o contexto de (des)governo brasileiro.

Em meados de março de 2020 o Brasil e o mundo assistiam atônitos à expansão de uma doença viral que modificou as formas de existência da atualidade. Observamos a olho nu a fragilização dos sistemas de saúde, o não preparo das autoridades para estabelecer medidas sanitárias eficazes, bem como o desespero diante de uma doença desconhecida.

Yazbek, Raichelis e Sant'ana (2020) destacam que a origem da crise em curso não está na covid-19, mas nas lógicas e configurações do sistema de metabolismo anti social do capital. A pandemia rasgou o véu já gasto pelo esgarçar de tantas contradições, atingiu os mais vulneráveis de forma visceral.

Os segmentos mais vulnerabilizados e periféricos das classes trabalhadoras, aqueles que vivem em precárias condições de moradia e trabalho foram os que mais sofreram os rebatimentos dessa crise sanitária (YAZBEK; RAICHELIS; SANT'ANA, 2020). A pandemia não só aprofundou as desigualdades, essa modificou, sobretudo as formas cotidianas de existência e sociabilidade. O isolamento social, fechamento de serviços essenciais, uso obrigatório de máscara, o famigerado home office

reorganizou não só a vida concreta, mas a subjetividade de uma coletividade já subjugada por tensões capitalistas.

O coronavírus que eclodiu em meio a uma profunda crise estrutural do capital, acentuará de forma exponencial a espinha dorsal desse sistema contraditório, articulando uma totalidade que abarca as dimensões econômicas, política, social e sanitária (YAZBEK; RAICHELIS; SANT'ANA, 2020). No Brasil, além de uma crise sanitária, vivenciamos uma série de acontecimentos que rumam à barbárie.

A pandemia causada pelo vírus Covid 19, levou milhões de vidas por todo o mundo. Atualmente são 560.706 mortos só no Brasil, lugar onde o colapso foi generalizado. O sistema de saúde do país teve que se reorganizar para comportar o números de pessoas acometidas pela doença, a falta de leitos, a desorganização, a falta de profissionais ou as precárias condições de trabalho, a falta de Equipamentos de Proteção Individual – EPI, todos esses foram fatores que atingiram de forma salutar a saúde brasileira.

É importante destacar ainda a falta de manejo e a negligência do atual governo com relação a pandemia em curso. O obscurantismo e o ultra neoliberalismo são as bases desse (des)governo que prega a desinformação em massa, realiza movimentos catastróficos com relação às medidas sanitárias contra a pandemia e não cumpre seu papel de garantir à população o acesso à saúde e a imunização.

Todos esses fatores e outros mais dão substância ao caldo histórico que estamos vivenciando. O Serviço Social está sendo essencial nesse contexto, pois a profissão mobiliza a mediação das ações no âmbito da saúde. Yazbek, Raichelis e Sant'ana (2020) argumentam que as metamorfoses do mundo do trabalho incidem no exercício profissional e na nossa inserção enquanto trabalhadores da saúde. Os impactos dessas condições atingem não só as condições de trabalho, mas também as sociabilidades coletivas e individuais que compõem a vida em sociedade.

3 O ASSISTENTE SOCIAL COMO TRABALHADOR DA SAÚDE: GÊNESE, DEMANDAS E A PRÁTICA NA ATUAL CONJUNTURA PANDÊMICA.

A saúde é considerada, até os tempos atuais, como historicamente o maior campo de trabalho dos assistentes sociais. Esse espaço sócio ocupacional, que por muitos anos, foi palco disseminador de condutas normativas e conservadoras, hoje se põe em um novo horizonte, ao compreender o Sistema Único de Saúde (SUS) como uma de suas estratégias principais em prol da universalização do acesso e da democratização das ações e serviços públicos.

Isto também condiz com o trabalho dos assistentes sociais nesse espaço. Esta profissão que se particulariza pelo trato com as expressões da questão social, é fruto dos aspectos histórico-sociais, e dos mais variados embates nos campos de atuação profissional. Na saúde, inicialmente na América Latina, essa profissão esteve condicionada a uma prática subalternizada, o que Castro (2000) e Matos (2017) reforçam ao dizer que cabia aos assistentes sociais em sua gênese o papel de auxiliar as práticas médicas, ajudando o médico em seu aperfeiçoamento e exercendo um papel de complementaridade de suas ações.

No Brasil, essa profissão surge na década de 1930 sob uma forte influência moralizante, bebendo de fontes positivas e conservadoras, a partir das quais construía discursos e metodologias interventivas para o Serviço Social, de modo a propagar seus ideais. Não diferente da prática na maioria da América Latina, o Serviço Social nos serviços de saúde brasileiro também foi tecido sob a influência da medicina.

Como coloca Matos (2017) a inserção dessa profissão nos serviços de saúde brasileiro se deu a partir do modelo médico clínico, no chamado “Serviço Social Médico”, em que o assistente social, participante de um contexto de cooperação vertical, exercia junto com outras profissões a função de contribuir com o aperfeiçoamento do médico, complementando a prática desse profissional que se

posicionava como um grande gestor, delegando ações para as outras categorias não médicas, sobre as quais julgava não ter capacidade ou não querer se ater.

Nesse contexto, a intervenção do assistente social, era baseada como explica Bravo (2013) e Matos (2017), em conhecer a situação dos pacientes e repassá-las ao médico, atuando em atividades como: elaboração de fichas informativas para ajudar o médico no tratamento adequado, vacinação, injeção, distribuição de auxílios financeiros, higiene pessoal, entre outros. Nos hospitais, por sua vez, sua função era ser o elo entre a instituição e a família, garantindo o tratamento pós alta e gerenciando o comportamento dos “clientes”, a partir de um olhar funcionalista.

É possível depreender, a partir disso, que a inserção do assistente social na divisão social e técnica do trabalho, em especial no campo da saúde, se ergueu sob a égide de uma imagem subalterna. Essa imagem, como coloca Ortiz (2007), não pode ser desconectada de sua realidade material. É visível que o interesse do projeto societário burguês era de firmar um profissional com uma imagem realmente subordinada e isso é compatível, como explica Netto (1996) com a maneira que as refrações da questão são tratadas no capitalismo monopolista, quer seja pela via do cuidado, do favor, quer seja pela via da benevolência e da ajuda.

No entanto, é importante pontuar que a profissão se metamorfoseia historicamente, e consegue com o passar do tempo se posicionar e estabelecer novas relações sociais, profissionais e adquirir novos embasamentos teóricos. É por volta da década de 1960, dando início na América Latina, que a profissão surge em um novo cenário, na tentativa de se reconceitualizar, pelo o que se chamou de movimento latino-americano de reconceituação do Serviço Social, cujo objetivo era questionar as bases tradicionais da profissão e adquirir um novo aparato profissional.

No Brasil, este movimento se apresentou em meio ao período de autocracia burguesa, que conforme Netto (2005) é o momento no qual se criam as bases histórico-sociais de um processo de erosão do Serviço Social tradicional, e pela qual

é possível buscar um horizonte prático-profissional em uma direção particular. Essa nova direção proporcionou a construção de uma nova face para a profissão, com novas perspectivas e novas defesas.

A profissão após esse processo de erosão, trilha o seu caminho em busca de uma direção social às suas ações profissionais, um caminho cujo objetivo é a transformação da sociedade a partir da defesa de um projeto profissional amparado pela defesa da democracia, da equidade e da justiça social. Diferentemente dos percursos anteriores, a profissão se ergue sob um novo olhar e sob nova base.

O processo de reconceituação possibilitou assim o erguimento de uma auto imagem profissional (forma como os assistentes sociais se visualizam) vinculada a um projeto profissional que se conecta a defesa de direitos, e não mais à ajuda e ao favor. Esta autoimagem, favoreceu ao assistente social reconhecer seu papel e os limites do exercício profissional dentro da divisão social e técnica do trabalho (ORTIZ, 2007).

No entanto, embora a construção dessa auto imagem se apresente como uma conquista, possivelmente como um fim a ser alcançado no exercício profissional, como explica a autora supracitada, o Serviço Social na contemporaneidade convive com as “marcas de origem” da profissão, oscilando entre uma imagem social vinculada aos traços tradicionais e uma auto-imagem dialética, construída pela crítica. (ORTIZ, 2007).

No campo da saúde, essas marcas de origem, ainda mostram-se vigentes nos cotidianos de trabalho, por conta de demandas profissionais ainda com viés de cunho conservador, moralizante, e por vezes destoantes do que prega o projeto ético-político profissional. Fato que se aguçou devido a realidade pandêmica em que se vive atualmente, e que transforma e/ou acentua as problemáticas nos serviços de saúde, principalmente aquelas de cunho social, sobre as quais o assistente social realiza a sua prática.

3.1. A prática do assistente social na atual conjuntura da COVID 19 e os desafios do assistente social para além da pandemia.

Para compreender de maneira mais contundente a prática profissional do assistente social na atual conjuntura, é preciso reconhecer novamente que essa profissão é fruto da história, e é sob essa perspectiva que se constrói e se matiza os desafios profissionais. O ano de 2020 deu início a uma gravíssima questão de saúde mundial, devido a pandemia do coronavírus - Corona Virus Disease (COVID 19), que perdura em nossa contemporaneidade há mais de um ano e nos impõe desafios diários, sobretudo, em nossa prática profissional enquanto assistentes sociais.

A política genocida que é adotada pelo governo federal, nega e fecha os olhos para as evidências científicas, provocando um quadro de extrema gravidade no que tange o fortalecimento do Sistema Único de Saúde (SUS). Em se tratando de Serviço Social, embora, a profissão seja fortalecida por seu projeto ético-político, o cotidiano profissional evidencia velhas problemáticas, ao passo que somos chamados a atuar em meio a essa complexidade, na linha de frente da pandemia, junto com os demais trabalhadores(as) da saúde.

Esse momento também traz demandas que não condizem com as atribuições profissionais, muito embora estas sejam bem delimitadas, através de documentos oficiais elaborados pelo conjunto CFESS/CRESS e pela lei que regulamenta a profissão. No entanto, diariamente nos espaços de trabalho, como nas unidades de saúde, somos solicitados a realizar o que não nos compete.

Como pondera Matos (2020) o Serviço Social é uma profissão de formação generalista, no entanto isso não nos impede de pensar particularidades no fazer profissional. Mesmo diante dessas situações de calamidade, em que o assistente social é chamado a atuar, não se pode endossar o discurso de que o assistente social faz tudo.

A princípio, podem ser elencadas demandas recorrentes como: convocação de familiar ou responsável para indicar alta hospitalar, emissão de declaração de comparecimento, atendimentos com viés psicologizante, comunicação de boletins médicos e o mais comum em época pandêmica, o chamamento à comunicação de óbitos. Este último, abrange o cotidiano de experiência profissional das pesquisadoras, que por vezes visualizam a comunicação do óbito como ação que transpassa seu cotidiano de trabalho, muito embora seja uma ação totalmente incondizente, contraditória e sem responsabilidade, que é de responsabilidade do profissional médico.

Tal demanda expressa a urgente necessidade de fortalecer a categoria, inclusive no que tange a imagem social da profissão, ainda vista nas unidades de saúde como um apêndice à prática médica, fato que associa ao Serviço Social práticas conservadoras e de ordem tecnicista.

4 CONCLUSÃO

Diante do exposto é possível observar que nossa profissão, como já bem contextualizado, sofre diretamente os rebatimentos que a conjuntura histórica evidencia. O movimento societário nos revela a complexidade que é o devir que constitui os momentos de avanços e retrocessos no decorrer do tempo.

Vivenciamos a atualidade como o presente que nos é imposto. O contexto atual nos coloca num lugar de refletir o para onde e como estamos indo no que tange às políticas públicas. O decurso do obscurantismo e da negação de tudo aquilo que tem bases científicas nos remete ao velho passado que, pelo menos, não deveria nos pertencer mais.

O Serviço Social endossa esse caldo de complexidades, pois a sua atuação cotidiana e, portanto, sua imagem profissional são tensionadas a todo momento por essas questões. Enquanto categoria, o momento nos urge para refletirmos sobre o nosso fazer, bem como traçar estratégias de atuação em meio ao novo complexo de sociabilidade que a pandemia nos causou.

O fatalismo, a alienação, o conservadorismo estão envoltos no nosso dia a dia, por isso é importante lembrarmos quem fomos enquanto categoria e nos apegarmos ao que somos hoje com o intuito de nunca perder de vista que a nossa atuação é pautada num projeto societário que vislumbra a emancipação humana e a garantia de acesso aos direitos da população. Mesmo com as novas requisições que a pandemia nos trouxe, devemos nos apegar aos nossos instrumentos técnicos, políticos e éticos que dão substância coesa para nossa atuação e imagem profissional.

REFERÊNCIAS

BRAVO, Maria Inês Souza. Saúde e Serviço Social no capitalismo: fundamentos sócio históricos/ Maria Inês Bravo. - 1. ed. - São Paulo: Cortez, 2013.

BOSCHETTI, Ivanete. Seguridade social no Brasil: Conquistas e limites à sua efetivação. Serviço Social: Direitos sociais e competências profissionais. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009

CASTRO, Manuel Manrique. **História do Serviço Social na América Latina** / Manuel Manrique Castro; tradução de José Paulo Netto e BalkysVillalobos. 5. ed. revista. - São Paulo: Cortez, 2000.

MATOS, Maurílio Castro de. A pandemia do coronavírus (COVID-19) e o trabalho de assistentes sociais na saúde / Maurílio Castro de Matos

MATOS, Maurílio Castro de. **Serviço Social, ética e saúde:** reflexões para o exercício profissional / Maurílio Castro de Matos. - 2. ed. - São Paulo: Cortez, 2017.

NETTO, José Paulo. **Ditadura e Serviço Social:** uma análise do serviço social no Brasil pós-64 / José Paulo Netto - 8. ed. - São Paulo: Cortez, 2005.

_____, José Paulo. **Capitalismo Monopolista e serviço social**. José Paulo Netto - 2. ed. - São Paulo: Cortez, 1996.

ORTIZ, Fátima da Silva Grave. **O Serviço Social e sua Imagem:** avanços e continuidades de um processo em construção/ Fátima da Silva Grave Ortiz; orientadora: Yolanda Guerra – Rio de Janeiro: UFRJ, Escola de Serviço Social, 2007.

YAZBEK, Maria Carmelita; RAICHELIS, Raquel; SANT'ANA, Raquel. Questão social, trabalho e crise em tempos de pandemia. **Serviço Social & Sociedade**, [S.L.], n. 138, p. 207-213, ago. 2020. FapUNIFESP (SciELO). http://dx.doi.org/10.1590/0101-6628.209.